

Elogios

de Bocage

I

Aos faustíssimos anos da fidelíssima rainha de Portugal, D. Maria I

(Recitado no Teatro da Rua dos Condes em 17 de Dezembro de 1799)

A ríspida estação tumultuosa,
Que de vapor medonho assombra os ares
Que das Eólias grutas desferrolha
Estrondosos tufões, e além das nuvens
O pélagos arrogante em serras manda;
Esse triste opressor da Natureza,
Monarca das horríssonas procelas
Cuja grenha erriçada os gelos c'roam
Que arremessa o trovão, que acende o rato
Na voz terrível, nos terríveis olhos,
E, saudoso do caos, como que intenta
Fingi-lo, arremedá-lo em seus horrores:
O carrancudo, tenebroso Inverno,
A face de alto horóscopo brilhante
Foi por lei divinal, por lei dos Fados
Constrangido a despir tartáreo luto.

Eis dobrando a cerviz, eis bonançoso
O tirano da luz sacode as trevas:
Respira a Natureza! o céu respira,
Vítreatos os mares sobre as praias dormem,
Onde Áquilo rugiu Favónio brinca,
A nascer entro a neve aprendem rosas;
Amor sentindo, o rouxinol se inflama,
Contente, iluso, não conhece o tempo,
Vê-la imagina, e Canta a primavera.

Surgindo entanto na purpúrea nuvem,
Tolas trajando fulgurantes de ouro,
De jasmims imortais a fronte orlada,
Com risos, que estudou de um Deus na face,
A cintilante Aurora o pólo esmalta.
Seus lumes como nunca então raiaram,
E gota, e gota do macio orvalho
Que esparziu no teu seio, ó Lísia, ó pátria,
Foi ledos agouro, foi suave emblema

De mil bons, que dos Céus a ti dimanam.

Maria, a mão do heróis, do heróis a filha,
A Jove mereceu tão novo indulto,
Trouxe tão novo indulto à Natureza.
Seu natal sobressai aos mais fulgentes
Quanto no etéreo cume, alardeando
Torrentes de fulgor, que o pólo inundam,
Vence o pianola majestoso, intenso
Ténue luz, que esmorece em negra estância.

Sim, Rainha imortal, se a bom do mundo
Prenda tão cara, não lhe houvesse dado;
Se, doce fruto de amorosa planta,
Teu mimo, teu penhor, delícias tuas,
João, sangue de heróis, que o Tojo adora,
A nossos corações negado fosse,
Ninguém te igualaria aquém dos numes.

Eles teu grande horóscopo envolveram
No imenso resplendor da eternidade,
Tua alma se embebeu na essência deles;
E ao ponto em que dos Céus se derivava,
Abrindo a azul campina elo sulcos de ouro,
Presumiu assombrada a Natureza
Que radiosa porção vivificante
Do facho universal se desprendia.

A Jove teu natal deveu sorrisos;
E, atento na mimosa infância tua,
Com rosto afagador te olhou, te disse:
«Qual é teu dia, tal será teu fado.»

II

Aos anos da mesma augustíssima senhora

Musas, Musas do Tejo, alçai ao pólo
Verses dignos de reis, da pátria dignes.
Desenrugue-se o Fade; os tempos voltem
Quais a vate Cumeia os viu na mente;
Em manto cor de neva Astreia envolta
As eras de Saturno acorde, e guie
Ao seio escuro da ferrenha idade.
Apenas tenham que invejar aos numes
Os ditosos mortais: luzeiro errante
Surja, ruído da sinistra parte,
E com faustos satélites discorra
Deste àquele horizonte os céus de Lísia,
Ingente, portentoso, e qual outrora
Dourou a alma de Júlio o céu de Roma:
As vestes abrilhante ao carrancudo
Monarca das horrísonas procelas,
Cuja grenha erriçada os gelos c'roam;
Cuja mão tenebrosa além das nuvens
O pélago arrogante em serras manda;
Na voz terrível, noz terríveis olhos,
Que arremessam trovões, que acendem raios,
Sofra o duro opressor do aéreo campo,
Sofra o silêncio, e a paz; desdobre, alise
Ondas o pego, e sobre as praias durma;
Brinque Favónio onde Áquilo esbraveja,
Respire a Natureza, o céu respire;
A nascer entre a neve aprendam rosas;
Puro, espontâneo mel destilem troncos;
Na rubra nuvem fulgurante de ouro
De jasmims imortais coa fronte orlada
Sempre neste áureo dia assome a deusa,
Que sobre as flores a existência entorna:
No semblante de um Deus a Aurora estude
Risos, que a Natureza estranhe, e adore:
Derrame pelos céus mais luz, mais pompa,
Sol, reflexo de Jove, imagens sua.
Maria, mãe de heróis, de heróis a filha,
Indulto singular merece ao Fado;
Seu natal sobressai aos mais fulgentes,
Quanto no etéreo cume alardeando
Torrentes de fulgor, que o pólo inundam,
Vence o planeta fulgurante, imenso,
Ténue luz, que esmorece em negra estância.

Sim, Rainha imortal, modulo augusto

De quantas perfeições, quantas virtudes
De Astreia ao lado para o Céu fugiram:
Sim, Rainha imortal; se a bem do mundo
Prenda tão cara não lhe houvesse dado;
Se, doce fruto de amorosa planta,
João, prole de heróis, que o Tejo adora,
A nossos corações negado fosse,
Ninguém te igualaria aquém dos nomes.

Eles teu grande horóscopo envolveram
No vasto resplendor da eternidade;
Tua alma se embebeu na essência deles,
E ao ponto em que dos Céus se desprendia
Abrindo a azul campina em sulcos de ouro,
Presumiu assombrada a Natureza
Que radiosa porção vivificante
Do facho universal se desprendera.

Ó rei da imensidade, oh rei dos Fados!
Os ídolos da pátria, a mãe, e o filho
No trono avito, heróico, à sombra tua
De séculos em séculos triunfem:
Dele, dela se esquivem Tempo, e Morte,
Dure-lhe a vida o que durar seu nome.
O Tejo despejando as urnas de ouro
Às plantas lhe depunha o grão tributo,
Até que a eternidade absorva as eras.

São mimosos do Fado, a Jove aceitos
O filho, a mãe de *reis*, de heróis, de numes
Cobrem asas de um Deus os dignos dele,
Lísia, flor das nações, prospera, exulta!

III

Aos faustíssimos anos do sereníssimo senhor D. João, príncipe recente de Portugal

(Recitado no Teatro do Salitre, em 13 de Maio de 1799)

Dentre a primeira das idades mortas
Dos dia ressurgiu, soltou-se um dia
A bem da humanidade, à vez do Fade.
Mil Graças, mil Virtudes, mil Prazeres,
Foragidos do mundo, ao Céu tornados,
Ao mundo volvem coa sisuda Astreia.
Súbito, remoçada a Natureza,
Leda, vaidosa de se olhar qual fora,
Nas meigas faces amiúde o riso.
Turba subtil de olímpicas Favónios
Voa com flores, que não temem Febo,
E à mãe universal perfuma o seio;
Insofridos Tufões nas cavas grutas
Cerra, agrilhoa, abafa, oprime Eolo;
Mel espontâneo pelos troncos desce,
Lambem rios de néctar margens de ouro.
Saturno inclina a fronte ao ver na Terra
De seus dias luzir a amena imagens;
Da sobranceira esfera ao filho exclama,
E da alta novidade inquire a causa.
«Erte, digno de mim (responde Jove)
De heróis emanação, de heróis princípio,
Hoje ao mundo levou, por lei dos Fados,
Escolhida porção de meus tesouros;
Hoje o fruto imortal de planta excelsa,
Que nas margens dispus do insigne Tejo,
Surgiu por meus influxos bafejado;
Da grande lusitana a digna prole,
O exímio coração, com quem reparto
A dignidade, a loiça, os pensamentos,
No século fatal, de horrores fértil,
Sobre o terreno herdado atraí teus dias,
Época da inocência, e da ventura!
Viste há seis lustros melhorar-se o tempo
Com seu fausto natal, viste há seis lustros
De incógnito naus nos lusos campos
Ornar-se a Natureza em honra sua.
Então sorrisos dela anúncios foram
Dos luzentes futuros milagrosos,
Que para o tenro herói zelava a Sorte.

Se tanto não brilhou, como hoje brilha,

O doce clima produtor de assombros,
Foi porque inda na idade inerte, e mole
Desatar não podia o régio moço
Altas ideias em acções mais altas.
Agora, que da ilustre monarquia
Modera as longas rédeas, escudado
Das aptas forças, e do evito exemplo,
Agora se embelezam céus, e terra
Na glória, no prazer, nos bens sem conto,
Que da grande João recebe a pátria,
A pátria de que é pai, senhor, e ornato.

Unido em áureo vínculo à virtude,
Aos mil encantos de heroína augusta,
Tempera o coração nos olhos dela,
Nos olhos dela a sentimento apura,
E um númen benfeitor se antolha aos povos.
Negreja, sem toldar-lhe os mansos dias,
Tempestuoso horror, bramindo ao longe;
Em vão boceja o pestilento Inferno,
Na lava abrasadora em vão sacode
Hórridos crimes, que outra plaga infamam.

Senhor de alta nação, que vale o mundo,
João, mimo do Céu, João triunfa;
Seu troou em corações está sentado,
E tem na eternidade na alicerces.
Dela emanou seu dia, é parte dela,
E lá depois que a Sol milhões de vazes
Houver com ele enriquecido a Terra,
O puro, amado, memorável dia
No resplendor sem termo irá sumir-se.»

Assim Jove falou: Saturno anui,
E fica mais brilhante a Natureza.

IV

Aos anos do mesmo senhor

(Recitado no Teatro da Rua dos Condes, em 13 de Maio de 1801)

Honra, Pátria, Virtude! Ó Leis! Ó Trono!
Objectos venerandos, majestosos,
Lustrai na escuridão, que abrange o mundo,
Do vate a fantasia erguei de abismos.

Entanto que no céu renasce o dia,
Dia eterno, sem par nos lusos fastos,
Mordendo-se, escumando, Erínis voa
Ante o carro fatal do deus das armas,
Onde nuvens de horror gotejam sangue.
Na truculenta mão rodeia a facho,
Cresta os Favónios, as delícias varre.
De sanhudos leões ondeia a coma,
Longo rugido horrísono rebrama,
Pelos trucas se amolam, dentes, garras.
O bronze aloja em si rivais da raio;
Na espectáculo atroz, na cena infesta,
Sedentas de um futuro ensanguentada,
As Fúrias se embelezam, ri-se a Morte...
Debalde rebentais, vulcões do Inferno,
Longe, agouros cruéis! Lísia não treme,
Lísia será qual lei, qual é no globo,
Mãe de heróis, das nações a flor, o esmalte,
Da virtude esplendor, da glória templo,
Pomposa torreão de férrea base;
Lísia abraça o pavês da eternos Fados;
Se Lísia baquear, baqueta a mundo:
Um Doas cão é perjuro, um Deus não mente.
Range os dentes Ismar, anda a presa,
Urram de Líbia as monstros, amotinam
O mar, a Terra, o Céu com grita horrenda:
Eis que de rósea cor se veste a pólo,
O ar, porque espera oro Deus, a ornato apura.
Assoma o recto, o sábio, o grande, o Tudo!
Vacila a Natureza ao pesa enorme:
Ele olha, e deste olhar vê campo, e campo.

Reluz o amor, o esforço, a fé nos Lusos,
Na bruta multidão negreja o crime;
Da traição, da avareza os génios turvos,
As serpes da blasfémia, em roda aos ímpios,
Por aqui, por ali sibilam, troam.

A voz, freio aos tufões, ameiga a Nume;
Ao guerreiro cristão, que os seus inflama,
O triunfo assegura, e fada as Lusos.
Ao sólio português submete os tempos,
Coa sacrossanta mão lhe descortina
Fervendo o Ganges por ceder-lhe as palmas;
Dele homenagem recebendo o Tejo
Ufana recostado à urna de ouro;
Montanhas de troféus, ao longe, ao perto,
E sempre ilustre a paz, ilustre a guerra.

Desaparece a Deus, mas fica Afonso,
E de Afonso na ferra espadas brilham:
Sai dele estrondo, morte, borrar, vitória,
Não sofre arnês, escudo, é raio o ferro,
E cada português leão se antolha,
Que, rebanhados touros assaltando,
Atassalha, desfaz, estrói, devora.

Lá nos ares de Ourique inda vagueiam
Sagrados ecos da palavra augusta,
E das turbas fiéis, da herói terrível
Inda o márcio rebombo estruge os vales.

Eia, enleva-te, ó Lísia, em teus destinos!
Um Deus te partilhou, te dá, te escuda
Os dias de João, saudáveis dias,
Claros, celestes como a luz que, eterna,
Que, imensa, resplandece além das asmas.
Quais foram teus avós serão teus filhos,
Leais, andantes, invencíveis, grandes.
Nas olhas de João se nutre a glória;
Basta volvê-los: heroísmo é tudo.

Vira, virá de novo a paz mimosa
Com sorriso gentil dourar teu clima;
As Fúrias outra vez aferrolhadas
Na masmorra infernal darão bramidos,
Enquanto do áureo Tejo à lisa margem
(No formosa terrena, ande se encantam
Flora, as Graças, Amor, Favónias, Musas)
Hinos mandando ao Céu teus povos ledos,
Sentirão palpitar, ferver no peito
Branda ternura, que humedece as alhos,
Pranto mais doce, mais fiel que o riso;
E, sem que a glória nas delícias turve,
Transportada verá banhar teu seio
Correntes da prazer, de que é a origem,
O magnânimo herói, da pátria nume,
Esse, em cujo natal florece o mundo,

João, mimo dum Deus, dum Deus imagem.

V

Aos anos do mesmo senhor

(13 de Maio de 1801)

*Serus in caelum rédeas diuque
Loethus intersis populo.*

Horácio, Livro I, Ode II

Que alegre, desdobrando o véu de rosas,
Que amena ressurgiu, que abrilhantada
De estrema, de amorosa claridade
A aurora de João na céu de Lísia!

Ó plaga sup'rior às plagas todas,
Que deste ao mundo antigo um novo mundo,
Que, imensa na valor, na espaço corta,
Transcendeste os confins da humanidade,
Levaste execução lá onde apenas
Ousara abalançar-se o pensamento!
Nesta luz singular, neste áureo dia,
Da eterna protecção penhor formosa,
Trouxe de nova a ti mil dons celestes
O Génio tutelar, que escuda, e vela,
Grão ministra de Java, as teus destinas:
Que vassalagem firme às leis, ao trono
Em teu seio arreigou, nutriu, reforça,
Qual planta ingenta, que, abarbando na eras,
Opulenta de aromas, flores, frotas,
Na viçosa altivez penetra, invade
A terra coa raiz, os céus coa rama.

Recreia-te, ali nação! Divino indulto
Além da inata humana alçou teu lustre.
Colossos giganteus no mar se abismam,
Marmóreos torreões dão baque horrendo,
Da Fortuna as montanhas se desabam,
Deste, daquele império marre a fama;
O Medo, o Assírio cai, cai Roma, e Grécia,
Maravilhas do Globo, e ferros dele;
Mas Fada universal não é teu Fada:
Gravame acerbo, aspérrimo tributa,
Males, que a tudo impõe, não ousa impor-te
O tirano comum, rei de ruínas.
Ele acata a nação na herói que a manda,
Nos heróis que a mandaram, que a subiram

À grandeza, ao nível da lácio nome.

Deuses na mente, se mortais na essência,
Coa rectidão por norma, os pais de Lízia,
Os monarcas da Tejo à pátria deram
Leis amigas da Céu, da mondo amigas,
Leis, que um Deus confirmou, porque eram Suas.

Magnâninos leões leões produzem,
Frouxo arbusto cão é da cedro a prole.
Afonso, Manuéis, Dinises, Sanchos,
De vós, igual a vós, João proveio!
Decreto, pelos numes promulgado,
Transpôs de dextra em dextra o ceptro luso,
Até parar na mão, que há-de empunhá-la
Com tanta duração, que espante as evos.

Astreia, a paz, o amor, virtude e graças,
No mais que doce jugo embelezados,
Volvem dos astros, sem saber que volvem,
O Olimpo esquecem, de João no império,
E supõem convertida em tempos de ouro
Negra idade de horror, que os pôs em fuga.

A turba etérea, ladeando o sólio,
Bafeja o coração do régio moço:
Ali derrama da Clemência o néctar,
Ali, deidade austera, ali Justiça,
Teu ríspido amargor com ele adoça;
Na alma ideias prestantes lhe aposenta,
Árduas combinações lhe induz, lhe aplanar;
Política sublime entre elas surge,
Onde a sagacidade abrange a honra;
Num quadro luminoso o bem da pátria
Ante a face real prospera, avulta:
O presente, o porvir fulguram nele.

Ó tu, de uns Deus contemporânea augusta,
Voragem onde os séculos soçobram,
Ignota, veneranda Eternidade!
Debalde te abarreiram teus arcanos
Contra audaz invasão da ideia em chamas.
Metal de mais vigor que a bronze, e a ferro,
Recôndito aos mortais, compõe teus muros;
A névoa dos mistérios te rodeia:
Mas despedindo o vate ardentes voas,
Aquém deixando a globo, a vento, as nuvens,
Qual a que arrosta o Sol, e empolga a raio,
A eternas penetrais as ombros mete,
Obstáculos derruba, e lê nos Fados.

Lá ande altos Futuros majestosas
Em sagrado silêncio envoltas dormem,
A todas sobressai Destino excelsa
Da generosa herói, que rege as Lusos,
Que impera coa virtude, e não coa força,
Que inda mais que no sangue, em si tem base
A inviolável direita, ao jus supremo
De ser na Terra o que no Olimpo é Jove.
Sim, Príncipe imortal; se a longa série
De teus grandes avós te não guiasse
À brilhante eminência, onde te adora
Nos hemisférios dois um povo imenso,
Sempre nos corações houveras troca.
A tua glória és tu, contigo brilhas;
Por ti fogem de nós comuns desastres,
Venturas entre nós por ti florecem.
O Céu te inspira, a Céu te galardoa,
E etéreo resplendor teus anos c'roa.

VI

Aos anos do mesmo senhor

(Recitado no Teatro do Salitre, em 13 de Maio de 1801)

Interlocutores: AURORA, SÉCULO

Ó tu, prole recente, última prole
Do númen, que aniquila a bronze, o ferro,
Que absorve gerações, que exerce os Fados,
Que vai minando a seio à Natureza,
E como que assoberba eternidades!
Filho do Tempo, sucessor não duro
De século feroz, de irmão terrível,
Que Europa mergulhou num mar de sangue,
Que a virtude, a razão, que as leis, e a glória
Eclipsou, perseguiu, desfez sem peje;
'Té ao bojo infernal cavando abismas,
As Fúrias arrancou da noite imensa,
As Fúrias, que, esparzidas no universo,
Tudo em reino da morte a converteram:
Graças aos nomes, a tirano é cinza,
O Século do barrar volveu ao nada;
Morta esperança de viçosos dias
Ressurge devagar, se move a medo;
Imagem festival de bens vindouros
Na térrea superfície enfim vislumbra:
Por sombrio horizonte apenas ficam
Rastos sanguíneos das forçados voas,
Com que a fera Discórdia, a negra Erínis
Da peste que em Seu hálito dardejam,
Extensas regiões purificaram.

Mas as tartáreas monstros não repousam,
Nas extremas da Terra inda retumba
O medonho clamar, que sai do raia.
Talvez nova impiedade enlute e Globo,
Talvez... tão feia ideia os raios furta
Da face com que alegre a Natureza.

Ah! Tu que aos penetrais da imóvel Fado,
Lá onde o pensamento a custo adeja,
Foste a série colher, série sem conto
De altas sucessos, em teu gira inclusas;
Tu, que na estância ande as Futuras dormem,
Com lume audaz a escuridão venceste,
E, a grémio do passível revolvendo,

Soubeste se a Ventura, ou se a Desgraça
Deve sobre esta máquina indecisa
Reger ceptro de ferro, ou ceptro de ouro:
Recreia, ó númen, cujas leis supremas
Observa pontual na rósea plaga,
Recreia indagador, tenaz desejo,
Abrindo aos olhos meus clarão futuro.

SÉCULO

Deusa brilhante, que ataviam, cobrem
Grinalda de jasmims, dossel de rasas,
Mãe dos luzeiros com que doura as vestes;
Amores de Titão, delícias, mimo,
Que aljôfares entornas sobre as flores,
Que das puros cristais ao leve arroio.
Sussurro às virações, gorjeio às aves,
E o gosto de existir à Natureza!
Bem que os mistérios do imutável Fado
Envolve escuridão, e acatamento,
Que do mundo profano abate os olhos,
Contigo, que és deidade, e sócia minha,
Contigo, que do Tempo exerces parte,
As leis universais vogar não devem.
Enxuga o doce pranto cristalino,
Que entre as flores de Amor, e a neve, e as graças
Na face te raluz: sossega, escuta.

Aos montes sempiternos, onde o Fado
Em palácios de bronze as leis promulga,
Resfolgando subi, subi tremendo
Dos males, que este globo inficionavam,
Onde meu fero irmão cevara os olhos.

Do grão templo fatal rangendo as portas
Se abrem de par em par, me descortinam
Aquele, ante quem Jove é nome apenas.

Avulta, recostado em negro trono,
Curvos, absortos cortesãos o incensam,
Dum lado a vida tem, tem de outro a morte,
Um só rasgo que dê coa férrea pluma
No livro pavoroso, altera o mundo,
Ergue, prostra nações: a Glória é sonho,
A Fortuna é quimera, e Grécia, e Roma
Relâmpagos, que sorve imenso abismo.

A torva onnipotência adoro a meda,
E já trémulas preces vou formando
A bem do triste Globo, em que presido:

Eis o deus c'um sorriso a voz desprende,
Destarte o coração me desafronta:

«Fiel executor das leis da Fado,
Herdeiro do poder, não do carácter
Do ministro cruel, que pus no mundo
Para mais enrijar meu duro império:
Depois que em cenas mil de sangue, e luto
Minhas fúrias cevei, cevei meus ódios,
Os males que esparzi me horrorizaram.
Quanto pode a Virtude até no Fado!
Era honra de um mortal, me abrando a todos,
Em honra de um mortal, que um Deus parece.
Ferrolhadas no Averno as Fúrias gemam,
A cruenta Discórdia apague o raio.
Virtude, Paz, Amor, volvei ao mundo:

Tu, Século ditoso, ao monda os guia;
Este mimo dos Céus na Terra espraia,
Enriquece com ele os climas todos,
E mais que todos a benigna plaga,
O império ocidental, augusta herança
Do herói, do semideus, que lá contemplo.

O sólio de João ladeie a Glória,
A Justiça o ladeie: admire-o tudo;
Base de corações lhe escore o trono:
Só deixe de invejá-lo apenas Jove.
O dia em que emanou do seio eterno
Seja um sorriso do melhor dos nomes;
Galas para adorná-lo invente a Aurora,
Saturno o purifique, e seu lhe chame.»

Disse, e nublou-se o deus, e de repente
Dentre os astros um vórtice me arranca.
Eis venho respirar coa Natureza,
Ufano do carácter, que me é dado,
Dos bens, que desparzir na Terra posso.

Exulta, pois, ó deusa, e cumpre o mando,
Que ledor recebi na voz do Fado:
«O império de João, seus áureos dias
Gozem no mundo o resplendor do Olimpo.»

AURORA

Ó transporte! Ó ventura! Ó céus! Ó Fado!
Sendo teu jugo assim, teu jugo adoro.

VII

Aos anos do mesmo senhor

(13 de Maio de 1803)

*...Ipse tibi iam brachia contrahit ordens
Scorpius et caeli iusta parte reliquit.*

Virgílio, *Geórgicas*, Livro I

Ó lustres de salão radiosa, imensa,
Fonte invisível dos visíveis astros!
Em torrentes de luz, perenes, vossas,
Sem que naufrague a mente, é jus do vate
Sondar a eternidade, abrir as Fados.

Sorria-se na Terra o mês das flores,
Espelho eram dos Céus as vítreas ondas:
Do azul Favónio, da punícea rosa
Ténues suspiros, cândidos perfumes
A leda Natureza embelezavam.

Eis ante o rei de tudo herói, que outrora
Gozara entre os mortais o grau de nume,
O claro fundador do Luso Império,
Dos altos promontórios a saudade,
Aquele, cujo nome os pátrios ecos
Com lúgubre memória inda proferem,
Curvo o joelho súplice a palavra,
Pios desejos exprimiu destarte:

«Grão Ser, que da medonha, antiga massa
Duma vez extraíste o térreo Globo,
Que num sorriso os Céus e o Sol criaste!
Dá complacente ouvido às preces minhas.

O império ocidental, por Ti doado
A mim, e ao sangue meu, que as leis Te adora,
O império ocidental, teatro anoso
De inúmeros portentos, de alta glória,
A plaga venturosa, o doce clima
(Que já sagraste coa presença Tua),
Lustre de novos dons, de timbres novos,
Em virtude, em grandeza, em majestade.
A planta, de que fui raiz fecunda,
Sempre mimosa de Teu almo influxo,
Brote por ordem Tua um fruta ameno,
Que adorne, encante, aformoseie a Terra.

De Lísia velador, propício génio
Tu me elegeste, ah, Deus! Eu guardo, eu zelo
Fiel, grata nação: mil, e mil vezes
Se apuram no esplendor da eternidade
Incensos, que Te dá meu povo amado.
Requintada ventura, um lustre, ignoto
Ao resto dos mortais, o galardoe:
Primeiro templo Teu no mundo é Lísia,
Quase como é nos Céus, é lá Teu culto.»
Tais, e tantas de Afonso as preces foram,
E às preces anuiu a Autor dos astros.

Revolve a mão suprema o cofre eterno,
E entre milhões de espíritos fulgentes
Um, que mais brilha, benfazejo, estrema.

Ó vós, de inextinguível claridade
Serenos filhos! Impalpáveis entes!
Núncios da Terra aos Céus, dos Céus à Terra
Quando implora o mortal, e outorga o nume!
Vós, leves meneando as alvas plumas,
Ao sólio, que dá leis do Tejo ao Ganges,
Trazeis um dia, que atavie os tempos,
Um dom trazeis, que divinize o mundo.

É teu natal, grande João, tua alma
Este dia, este espírito, fadados
De carácter sem par, de bens sem conto
Pela voz, que do Sol regula o giro.

Donativo do Céu, prazer da terra,
Que honras o mundo todo, e reges parte,
Príncipe excelso, Príncipe adorado,
Enlaças corações em flóreo jugo;
Ternura filial nos diz que reinas,
Não convulso terror, não leis de ferro.
Quais folgam, limpas das terrenas fezes,
Almas formosas nos elísios prados,
Vagam risonhos, festivos teus povos,
Ampl domínio, que dos Céus herdaste.

Tarda, mui tarde a teu princípio voltes;
Depois que o tempo fatigar seus voos
Vá sumir-se contigo a Natureza
No seio da lustrosa eternidade:
Eis os votos de Lísia, e do universo.

VIII

A ESTÂNCIA DO FADO

(Dramático)

Para celebrar o dia natalício da Sereníssima
Princesa D. Maria Teresa

(Representado no Teatro de São Carlos, em 29 de Abril de 1797)

Actores: O FADO; O GÉNIO LUSITANO; LÍSIA

A cena figura-se na estância do Fado

CENA I

O Fada e o Génio Lusitano

GÉNIO

Ó tu, que já severo, e já benigno
Ou prostras, ou manténs, ou dás, ou tiras,
Despótico senhor da Natureza,
Ente, de cujas leis é tudo escravo,
Hoje desenrugada a fronte augusta
Afável te promete às preces minhas.
Ministro pontual dos teus decretos,
Eis, que há tantas idades vela, ó Fado,
Na glória, no esplendor da egrégia Lísia,
De brilhantes heróis origem pura,
Eu por ela te invoco: alto interesse
A dirige, a conduz ante o supremo
Trono, ande reinas, adorável trono,
Escorado na imensa eternidade.

Dá que a teu grão poder curvando a frente,
Honrada há muito de apolínea rama,
Lísia teus dons benéficos implore.
De tudo quanto abrange a longa Terra
Nada tão digno de encarar seu sólio.

FADO

Magnânima, fiel, constante, invicta,
Lísia, qual a formei, dá lustre ao manda;
Ante o seu gosto minhas leis se torcem:
Tens influxo, ó Virtude, até no Fado.
Venha, merece olhar-me, ouvir merece

A voz, que ao próprio Jove o trono abala;
Toque a vedada, sempiterna Estância
Por onde em turbilhões mistérios fervem:
Glória, aos mortais defesa, a Lísia cabe.

(O Génio vai conduzir Lísia)

CENA II

Lísia e os mesmos

LÍSIA

Fada, prole imortal da eternidade!
Númen, de cujas mãos está pendente
Cadeia em que as fuzis são bens, e males,
A desgraça, a ventura, a morte, a vida;
Dos Tempos movedor infatigável,
Que de ledas, pasmosas, tristes cenas,
De espectáculos mil sempre matizas
A curva superfície ao térreo globo!
Se desde que assomei luzi no mundo,
Se a tua protecção, comigo estável,
Das mais claras nações me fez modelo;
Se, escudada por ti, dei ser, dei pasto
À bela emulação, e à feia inveja;
Se de ilustres acções dourei a história;
Se a firme tradição cruel de assombros;
Se meu brado esparzi de clima em clima
Nas férreas tubas da volátil Fama,
Atando em áureo nó Virtude, e Glória;
Se enfim, qual sempre foste, és inda, é nume,
Para os desejos meus benigna, fácil,
Suma razão, que os move, os felicite.

FADO

O passado, o presente, o que inda ignoto
É aos cegos mortais, perante o Fado
Tão claros, num só ponto, resplandecem
Como rutila o Sol no aéreo cume.
Deves, Lísia, porém, gozar o indulto
De livremente expor teus são desejos.
Ao que Lísia apetece o Fado anui.

LÍSIA

A promessa imutável, que te escuta,
Afectos mil no coração me agita,

De altas ideias me povoa a mente.

Destinada por ti ao grande objecto
De honrar o mundo, e propagar portentos,
Mãe fecunda de heróis, teus fins cumprindo,
Sementes espalhei de que brotaram
Cândidas flores, generosos frutos.

Desvelada, incansável, conduzindo
Por entre abrolhos, precipícios, transes
A minha prole audaz, a lusa gente,
Com ela cometi, pisei com ela
O quase inacessível monte ameno.
Onde reside a perenal Memória.
Com arrojado pé fomos subindo
Os marmóreos degraus do etéreo templo,
E, os estreitos vestíbulos entrando,
Vida sem fim, moral eternidade
Corramos a colher nas aras de ouro.

À turba dos heróis que ali brilhavam,
Luzeiros imortais de Grécia, e Roma,
Estranheza não fez a nossa entrada:
Curvas as crespas. laureadas fronte,
Com sorriso amigável nos saudaram.

Do bafo empestador, que sai das vícias,
Jamais os frutos meus crestados foram:
Salvos da corrupção, a idade os traga;
Puras, formosos, como vivem morrem.

Mas dos ramos desta árvore, que alcança
Os hemisférios dois coa vasta sombra,
Tão viçoso nenhum, nenhum tão digno
Do amor da terra, da atenção do Fado
Como o que eu distingui de mil, que nutro.
É de Bragança o ramo, o ramo anoso,
Da raras produções sempre adamado,
Este, cuja grandeza anelo, adoro.
Em uma, em outra idade o viste, é nume,
Ao bravo repelão de horríveis Euros,
De procelas fatais ileso, imóvel;
Viste-o dar leis a si, dar leis a tantos,
Unir ao mando augusto exemplo,
Assombrosos heróis criar coa vista.

Por esta de mortais quase divinos
Abalizada estirpe, a ti recorro
Neste dia entre os meus de um sol mais puro.
Maria, o tenro, o cândido renovo

Da planta que idolatro, exímio fruto,
Doces primícias, e penhor sagrado
De caro, insigne par, João, Carlota,
Dos lusos corações ídolo, e glória:
Maria hoje raiou na alegre mundo.
Hoje na rubra nuvem cintilante,
De rosas, e jasmins bordando os ares,
Aurora apareceu c'um riso novo;
Hoje o suave, cristalino orvalho
Mais alvo, e mais subtil caiu nas flores;
O ledo rouxinol, prazer dos bosques,
Novos sons estudou para este dia;
Tornou-se mais formosa a Natureza;
Nas montanhas vestiu, vestiu nos prados
Mais lustrosa matiz a Primavera;
E agora que renasce este almo instante
As nuvens despe o céu, e o pego as ondas:
Qual outrora exultara o mundo exulta.

A seus, e a meus transportes sê propício,
Satisfaz os mortais; ordena, ó Fado,
Que Febo vezes mil no plaustro de ouro
Com dia tão feliz prospere a Terra;
Ordena que mil vezes se renovem
Anos brilhantes na vergôntea bela,
Na régia produção do tronco excelso.
Franqueia aos olhos meus, franqueia, ó nume,
O tropel de recônditos mistérios,
Sumido em negros véus, eternas sombras;
Aclara, desenvolve a meus desejos
Altos futuros da gentil princesa.

GÊNIO

Às preces que te envia eu uno as minhas:
Amor, Virtude, Gratidão te imploram.

FADO

Eis o mais amplo dom, que pode o Fado
Para vós extrair de seus tesouros.
Silêncio, que eu desligo, eu desentranho
Da noite do vindouro os bens supremos
Que à princesa imortal propício guardo.

Fulgentes como a luz que resplandece
Na pura habitação da eternidade,
Seus destinos vereis, vereis seus dias,
Da generosa avó, do pai sublime,
Da idolatrada mãe retrato egrégio.

Virtudes, perfeições em si juntando,
Por mil raros espíritos dispersas.
A mimosa, gentil, real Maria
Dará novo esplendor, à digna pátria.
Como o formoso irmão no avito império
Dará sagradas leis em clima estranho,
Leis, amigas do Céu, do mundo amigas.
Ligada em áureo nó, com fausto agouro,
A régio, claro herói, credor de obtê-la,
Fará que a seu louvor não baste a fama,
E canse de espalhar-lhe as maravilhas.
Seus tesouros serão, será seu trono
Asilo maternal dos malfadados,
Almo refúgio da Virtude opressa,
Da sã Justiça, da inocência amável:
Tristes que a virem ficarão contentes.
Mérito, e galardão, delito, e pena
Debaixo do seu jugo hão-de enlaçar-se;
Por muito, e muito que a Fortuna a brinde,
Mais há-de conferir-lhe a Natureza.

Tantas vezes o Sol trará seu dia,
Seu dia, pelas Graças enfeitado,
Que, antes que cesse de guiá-lo ao mundo
Com tanto resplendor, qual hoje o doura,
Hão-de esparzir-se nos cerúleos ares
Rotas as rédeas dos Etontes fulvos.

Vai, Lísia, volve aos teus; coa face augusta
Regozija os mortais, de ti saudosos.
O Fado o proferiu: mil bens te esperam.

LÍZIA

Graças, númen clemente! Eu corro, eu corra
A derramar na Terra o grande anúncio.

Lísia, Lísia feliz! Comigo exulta:
Tudo se cumprirá; não mente o Fado.

IX

Aos anos da mesma senhora

(29 de Abril de 18...)

Além do firmamento, além do espaço
Que por lei suma franqueara o seio
A mundos sem medida, a sóis sem conto;
Aquele, cujo trono imenso, imóvel
Vence ao diamante a consistência, o lume,
Tem por base e dossel a eternidade;
O só Princípio dos princípios todos,
C'um sorriso avivando o etéreo dia,
Lançara a seu tesouro a mão suprema:
Mil virtudes, mil bens, mil dons, mil graças,
A que o tacto divino alteia o preço,
Surgem do eterno cofre; e alado génio,
Que as barreiras do céu transpõe num voo,
Por entre o esplendor, que em torno espraia,
Traz o grão donativo à Natureza;
E vem com ele reluzindo os Fados,
Que ao celeste penhor cingira o nume.

«Ministro universal da onnipotência!
(Clama o núncio radioso) a ela é grato
Que destes sacros dotes se atavie
Prole de reis, de heróis, um digno ramo
Da planta, que imortal floresce em Lísia,
De olímpicos orvalhos animada
Urna alma singular, idónea ao sangue
De mortal, que vencer do o grau de humano
Foi pela voz de um Deus chamado, eleito
A virtude, à grandeza, ao trono, á glória
Que possante, magnânime assombroso,
Co arnês da razão, da fé munido,
Líbicos monstros de terríveis garras
Feriu, rompeu, prostrou, desfez qual raio;
A cinzas reduziu, a pó, e a nada
Os templos da impostura, as aras do erro;
Depois que a divindade o véu rasgando,
Esse véu sacrossanto, impenetrável,
Que a recata do mundo, ante seus olhos
No lenho remidor se fez patente;
E com ele travando alta aliança,
As insígnias lhe deu, lhe deu o império.»

Disse o fulgente espírito; e soltando
Das asas de áurea cor fragrância e néctar,

Em pélagos de luz desaparece.
Tremeu de acatamento a Natureza
Entanto que o decreto absorta ouvia;
Eis que volvendo a si risonha, ufana,
No brilhante composto exaure a indústria;
Une ás graças morais externas graças,
Divinais perfeições à essência humana;
E exulta, e se revê nos doas que enlaça.

Adorável princesa, estes encantos
São teus, são teus: no espírito, na face,
Na vez, no coração te resplandecem;
Coro eles teu natal se aformoseia;
Por eles de mil júbilos c'roadado,
Em perfumes envolto, envolto em flores
No grémio puro da benigna Aurora
Aos votos dos mortais os Deus o enviam.

X

Aos prósperos anos da Sereníssima Princesa do Brasil, a Sr^a D. Carlota

(Recitado no Teatro da Rua dos Condes, em 25 de Abril de 1801)

Tu, patente à razão, velado aos olhos,
Monarca do universo, alma de tudo;
Imenso, que em ti mesmo apenas cabes,
Que tens no ser, na mão, na voz, no aceno
Fados] eternidade, onnipotência,
De que o raio é pregão, e o mundo é prova:
Ah Manda que teus júbilos sem conto,
Que elísias flores, Zéfiros do Olimpo
Ornem, bafejem de Carlota o dia;
Que o Sol, que o teu reflexo, a imagem lua,
Com ele avive a púrpura da Aurora,
Com ele regozije, adorne, alteie,
Gradue em divindade a Natureza,
E vá com elo, ovante, além das eras.

Prole de um semideus, esposa de outro
(De outro, inferior, ó Jove, a ti somente),
Carlota é de teus dons, de teus tesouros
Nas graças] no atractivo, a flor, o extremo.
Qual no Céu reluziu quando, inda exempta
Da corpórea prisão, sua alma bela
Serena de astro em astro vagueava,
Qual no Céu reluziu, reluz na Terra.
Em seu cândido rosto encantos brilham,
Razão lustrosa lhe atavia a mente,
Sorrisos a grandeza lhe temperam:
Tem mais sublime a índole que a Sorte,
Maior o coração que a dignidade.
Aos ais do aflito, do infeliz aos prantos
Desde o cimo da Glória, e da Ventura
Dá materno favor, materno ouvido,
Emulando, a par dele, os mil portentos
Do consorte imortal, do herói piedoso
Por quem, de áureas delícias esmaltado,
O céu de Lusitânia as trevas despe,
E é qual foi quando assídua primavera
Cobriu de virações, ornou de rosas
Ao tenro globo a superfície amena,
Quando em correntes sussurrava o néctar,
E, o mesmo no zénite, ou nu horizonte,
O Sol benignos lumes espraia;
Benignos lumes, como espraia a Lua,
Se com pleno fulgor prateia os mares.

Os ídolos da pátria, o par brilhante,
Dos mortais o esplendor, João, Carlota,
Ó rei da Eternidade, é rei dos Fados,
No trono avito, heróico, à sombra tua,
De séculos, e séculos triunfem:
Dele] dela se esquivem Tempo, e Morte,
Dure-lhe a vida o que durar seu nome.

O Tejo, despejando as urnas de ouro
As plantas lhes deponha o grão tributo,
'Té que a terrestre máquina abismando,
Serva tempos mortais o tempo eterno.
Tua respiração, dos Céus perfume
Purifique o natal formoso, e caro.
Em que ufana, em que altiva a Natureza
Se enleva, se revê, se ri, se encanta.

Já de Saturno as épocas voaram,
Férrea, medonha idade agrava os entes.
Ah! Dentre os mortos séculos surgindo
Envolto em rosas, o melhor dos dias,
Dos dias que perdeu console o mundo.

Tais, e tantas de Lísia as preces foram
Ante o sólio de Jove, e dele ouvidas
Colheram num sorriso omnipotente
Da implorada mercê penhor e anúncio

São mimosos de Fado, a Jove aceitos,
Cobre a sombra dum Deus João, Carlota:
Modelo das nações! Ó pátria! Exulta.

XI

Aos faustíssimos anos da Sereníssima Senhora D. Maria Benedita, Princesa do Brasil, viúva

(Recitado no Teatro do Salitre, em 25 de Julho de 1798)

Sacro delírio, criadora insânia,
Que, não paga de um Deus, de um céu não paga,
Ousaste pregoar mais céus, mais deuses;
Opulenta indomável fantasia
Dos homens quase numes, que, invadindo
Os brônzeos penetrais da Eternidade,
Presumiste erigir no centro dela
O paço a Jove, o tribunal aos Fades,
Os astros povoar de vãs deidades,
E, esforçando o terror da Natureza,
Depois arremeter de Averno às portas,
Sumir teus voos pelo imenso abismo,
Erguer Plutão sanhudo em férreo trono,
Fingi-lo ao Medo, figurá-lo ao Crime
Regendo as Fúrias, legislando à Morte:
Oh, Génios som limite! Oh, vós, que outrora
Dáveis aromas, templo, altar, ministros
A virtude imortal das almas belas,
Mais puras, mais brilhantes, mais formosas
Que o filtrado clarão das eras de ouro!
Manes, sagrados manos! Se, arrombando
Da existência, e do nada o muro eterno,
Volvêsseis a vagar no globo infausto,
No globo já corrupto, e não lustroso
De primevo esplendor! Se ao alto olhando
Por entre a névoa de apinhados vícios
(Semente nunca estéril no universo),
Vísseis em sumo grau, remoto deles,
Luzir dos hinos meus o grande objecto,
Luzir Maria, a singular Maria,
Prole de reis, do heróis, de semideuses,
Do império universal por si credora,
Maior que os Fados seus, maior que a Fama!
Irieis com transporte, e jus mais santo
Sagrar-lhe aromas, templo, altar, ministros.

Seu dia, que deveu aos Céus cuidado,
E no Sol, como os mais, não teve origem,
Seu risonho natal, quase tão puro
Como o seu coração, deu hoje à Terra
Prazeres, cuja ideia encantadora
Foi ao estro dirceu talvez negada.

Hoje Aurora surgiu não sonolenta;
Hoje Aurora, anelando antecipar-se.
Na orvalhosa madeixa desparzira
Almos perfumes, a que cede o néctar:
Flores, que dispusera, e que zelava
Nos alísios jardins cultor divino,
Para toucarem a manhã mais bela,
A mais bela manhã, que sobre o Tejo
Em chuveiros as Graças derramando,
A superfície azul subtis cardumes
Atraiu dos Favónios brincadores,
Por mais doce fragrância enfeitados,
Uns após outros desdenhando as rosas.

Sorriu-se, como nunca, o Rei dos entes
No ponto em que raiou tão fausto dia,
Dentre os etéreos orbes deslizado;
Sorriu-se, e reflectiu no Céu, na Terra,
Na face festival da Natureza
O adorável sorriso omnipotente,
Capaz de produzir mil sóis, mil mundos,
Torcer os Fados, e alegrar o Inferno.

Então, a eternas leis curvado o Tempo
Na corrente fatal dos bens, dos males,
Em que é vida este anel, e aquele é morte,
O Tempo então, depondo a fouce, as asas
Poliu áureo fuzil, tão reforçado,
Que o desabrido assalto, o peso, o encontro
Doa séculos em chusma, o não rompessem:
Deve tanto a Virtude às divindades!

És, brilhante fuzil, és a existência
Da régia, da magnânima heroína,
Que na alma florecente o Céu resume;
Augusto coração, cuja grandeza
Quando aos míseros desce aos astros sobe,
E colhe em galardão a eternidade.

Encanto universal, matrona excelsa,
Como que ao templo ingento, onde a Memória
Construi astátuas, que não rui a idade,
Erguido, arrebatado o pensamento,
Por entre as altas cópias venerandas
Daquelas, que transpõem o horror do Letes,
Lá vê sobressair a imagem tua,
E lê na, que a sustém, perpétua base:
«A glória da Maria é mais que a vossa:
Ao bronze sup'rior curvai-vos, bronzes!»

XII

Congratulação ao príncipe e à Pátria na paz universal

(Ano de 1801)

..... *Ferrea primum*
Desinet, ac toto surget gens aurea mundo.

Virgílio, *Écloga IV*

Pesavam sobre a Terra os férreos Tempos:
De facho das Euménides saltava
Em centelha, e centelha um novo crime,
Estranho aos homens, e usual no Averno.
Ardia o coração da triste Europa
Em chamas, que a Discórdia reforçava
Co ardor, que zune, estala, ondeia, eterno
Nas fráguas imortais do horrível Pluto.
Pelo amplo continente, e além dos mares
Entravam, bravejando, as leis, a as Fúrias;
Caros espavorida os ermos campos
Ao númen da matança abandonava;
De iníquas mãos espólio, o dócil bruto,
Sócio fiel do válido colono,
A robusta cerviz curvava ao ferro,
A robusta cerviz, que dera ao jugo.
Era sonho a razão, sistema o crime,
Era fado a crueza, instinto a guerra
No atónito, infeliz, sanguíneo globo.
O caos ressurgia, morta, opaco,
Do abismo, onde o sumiste, ó Ente imenso!

Em hórridos baixéis trovões de bronze
No alto Oceano alardeavam mortas:
O duro inglês, o déspota dos mares,
Torrente universal de cem vitórias
Sustinha, represava ao galo ovante.
Álbion, portentosa, invulnerável,
Do espumas, e troféus cingida, ufana,
Coas barreiras equóreas blasonando,
As míseras nações atropeladas
Mostrava o brio ileso, imune o seio,
Da pátria o santo amor perene, intacto.

Delirante ambição de falsa glória
Na CNN turbulenta, e já não culta,
O peito revolvía aos ígneos Martes.
Nas asas da invasão transpunham serras;
Aos rápidos guerreiros se antolhavam

Vales os Pirenéus, planície os Alpes
(Colossos, que dos Céus o peso aturam!)
ibéria vacilou, tremeu Germânia,
As Águias, os Leões se acobardaram:
Ibéria, que fez face aos reis do mundo,
Do mundo à capital, e a grã Germânia,
Que outrora as legiões sorveu de Roma,
Forçando o seu tirano a dó pesado.

Tu, flor das regiões, formosa Itália!
Dos Fabrícios, dos Régulos, dos Fábios,
Dos Brutos, dos Gatões tu mão, tu nume!
Oh foco da grandeza, e do heroísmo!
Rival da Grécia, vencedora, herdeira!
Viste milagres seus desarraigados
De teu seio gentil, sé digno deles!
Insana usurpação, brutal rapina
Extorquiu, profanou, desfez portentos,
Sacros à fúria de hiperbóreos monstros,
Da tragadora idade à fúria sacros.
As mestas Artes, coa melhor na frente
(Aquele que os heróis ergue da morte,
E oro metro venerando os perpetua),
Carpindo-se, abraçando-se, fugiam.
Teus povos, infeliz, teus cultos povos
Dados ao ferro, a chama, o céu rasgavam
Em lamentos em ais; saudades tinham
Do ceptro. que os Calígulas mancharam,
Do tampo em que os tiranos foram deuses!

Ai! Que faria a miseranda Ausónia,
Sem ter Camilos, que opusesse aos Brenos!
Afeito a dardejar tartáreas flamas,
O Vesúvio pasmou do estranho incêndio,
E de enorme vulcão por entre as fauces
Alçando o torvo Dite a fronte adusta.
Quanto vira no Inferno olhou no mundo.
O mundo agonizava... ó céus! Nem Lísia,
A que à sombra de Jove alteia o colo,
Nem Lísia se eximiu do mal nefando,
Lísia, de um semideus herança, e pátria!
Nos seus, imagem vossa, alísios campos,
Já bramava o furor, manava o sangue;
Já... Mas súbito, à vos do Omnipotente,
Que os Aquilões nos Zéfiro converte,
Recolhe as asas a procela imensa,
Librada sobre o lúgubre universo.

Ante o sódio da inúmeros luzeiros,
Que alumia os salões da Eternidade,

Teu nome, alto João, e as preces tuas
Contra o comum flagelo empenhos foram.

«Eia, ministros maus: em risco é Lísia!
(Dentre milhões de sóis o Eterno exclama)
Se a quis exp'ri mental, salvá-la quero.
A promessa de um Deus não retrocede,
E dela inda lembrado Ourique exulta.
O que Afonso escudou João merece,
As virtudes do avô melhora o neto:
Vós sabeis ante mim quanto difere
O pacífico herói do herói guerreiro.
Momento, em que hei fadado a paz do Globo,
Anexo ao p' rigo está, que Lísia corre,
Ide, Espíritos meus, Concórdia, voa:
Azados corações adoce o néctar,
Que entorna em meus jardins manhã sem noite,
Concorrentes nações – Britânia, Gália –
Deponham timbres vãos, tenaz orgulho;
Em laço fraternal sufoquem ódios,
De que deixei pender de mundo a sorte.
Arcanos, que nem mesmo a vós se aclaram,
Em penetrais da bronze a mim sé francos,
Do universal contágio o flua permitem.
Etérea viração convosco adeje,
Que varra aos ares do orbe a estígia peste.
Cem aceno abismai no Ave me as Férias:
Por ora sobre a Torra apenas fiquem
Os erros dos mortais, Inatos erros,
'Té que os lave o Remorso à Natureza.
O comércio prospere, as artes brilhem,
Floreça a paz, a indústria, a glória, tudo.
Os homens o pareçam.» – Disse, e fez-se.

Enfim, Príncipe augusto, enfim, puderam
Teu rogo, incensos teus dobrar um Nume!
O que ao mundo negou por ti lhe outorga:
Lísia vale o universo ante seus olhos.
Imagem do tau Deus, pai de teu povo,
Inunda o coração dos bens, que esparges;
Exulta, vive, reina, e brando acolhe
Of' renda, que a teus pés depõe submisso
Quem, dado às Musas, e anelando a fama.
Se honra em teu jugo, tuas leis adora.

XIII

Consagrado ao nascimento da Sereníssima Senhora Infanta D. Isabel Maria

(Recitado ao Teatro da Rua dos Condes, no ano de 1801)

Interlocutores: ACTOR, ACTRIZ

ACTOR

Musas, Musas do Tejo, alçai ao pólo
Versos dignos de reis, da pátria dignos.
Desenruga-se o Fado, os tempos volvem
Quais a vate Cumeia os viu na mente
O mundo se renova, o caos triste,
Com que opressa gemia a Natureza,
Em dias se desfaz de riso, e de ouro.
No manto cor do neve Astreia envolta
As eras de Saturno à Terra guia:
Desliza-se dos céus estirpe nova;
Sorriso virginal, penhor divino,
Apura, formoseia os ares nossos;
Em Zéfíros mimosos se convertem
Os duros Aquilões; luzeiro errante
Surge, rutila da sinistra parte,
E com faustos satélites discorre
Deste àquele horizonte os céus de Lísia,
Ingente, majestoso, a qual outrora
Dourou a alma do Júlio o céu de Roma,
Fantasmas desvanece, agouros varre.

Salve, casta, benéfica Lucina,
Fautora do gentil, do amável fruto
Que brota de sagrada, eterna planta;
Salve, prole de heróis, prole adorável!
Tu vens embrandecer com teus encantos
A férrea idade, o século das Fúrias;
Amor, paz, inocência ao mundo of' reces
Dos olhos infantis no doce lume,
Luzindo vicejando em mi! virtudes,
Irá no coração, maior que os anos;
De glórias cingirás tua existência;
Por ti conciliado o Céu coa Terra
Veremos, e por ti verificar-se
Quanto as mentes febeias têm sonhado.
Nos tempos de João, nos tempos nossos
Há-de o passo de Jove a pátria honrar-nos:
Hão-de os netos de Luso, ao deus tão gratos,
Qual se vive no Céu, viver no mundo:

Mistos os numes, e os heróis veremos;
E, se rastos houver do crime antigo,
Apagados serão por teus influxos.

Da floras se matiza em honra tua
A leda Natureza: o térreo seio
Levanta o mirto ameno, a páfia rosa,
O loureiro honrador, e o mole acanto.
Nas várzeas para ti se está sorrindo,
De áurea espiga toucado, o mês de Ceres;
Vai teus louvores murmurando o Tejo.
E ao potente Oceano, ao rei dos mares
Leva teu nome, o teu natal, teus fados
Na voz que adoça ao proferir o anúncio.

Ateiam-se entre as alvas, brandas ninfas
Doces debates: entre si contendem
Qual primeiro abrirá nas vítreas lapas
Teu nome idolatrado; e qual primeiro
Teu áureo berço, teu virgíneo corpo
Na tela imitará com sábia agulha.
Tumultuando os céus trovão de bronze,
Não murcha corações, não tolhe os hinos
Que o transporte. que o júbilo desata.
O númen da braveza, o deus do sangue,
Ouvindo que teu som já luz no mundo,
Do carro assolador saltando alegre,
O elmo, a lança, o pavês arremessando,
Ficará tão sereno, e tão macio,
Como quando entregava, aceso em gostos,
De Vénus ao regaço a crespas fronte,
E coas armas folgando os Amorzinhos,
Do carácter deposto escarneciam
Carácter surdo aos ais, aos prantos surdo,
Que uns olhos, que um sorriso amoleceram.

Melindrosa, gentil, real menina,
Cópia das Graças, dos Amoras cópia,
Filha digna dos pais, delícia delas,
Cresce, brilha, prospera, exulta, vive:
Quais são teus olhos os teus dias sejam,
Claros, formosos, inocentes, puros!
Querida prole, a conhecer começa
A carinhosa mãe, que magoaste
Com agro pesadume em longos dias;
Melhora os risos teus nos risos dela:
És semideia, ficarás deidade.

ACTRIZ

Para o penhor mimoso
Dentro os sidéreos lumes,
Olhai, benignos entes,
Olhai, propícios numes.

A providência vossa,
Vosso favor merece
Quem tanto, é divindades,
Convosco se parece.

Génio de luz composto
Corte os cerúleos ares,
E dos monarcas lusos
Orna os pomposos lares.

Ao marchetado berço
Risonho se aproxime,
E ali requinte as graças
Da espírito sublime.

Seus luminosos fados
Zelando em cofre do ouro,
Lustro, enriqueça o mundo
Co singular tesouro;

Afague a doce prole
Dos que são mais que humanos:
Dela um só dia ocupa
O que não cabe em anos;

E quando em tardas eras
Voar dentre os mortais,
O Céu na posse dela
Goze da um astro mais.

XIV

O actor agradecido à beneficência pública

(Recitado no Teatro do Salitre, no ano do 1798)

Interlocutores: TALIA, ACTOR

ACTOR

Filha de Jove, tutelar deidade
Dos vales imortais, dos génios grandes,
Que sobre a cena golpeando o vício,
Sementes da virtude arreigam na alma,
E as fezes das paixões lhe extraem com arte;
Ó Musa festival! Não menos grata,
Não menos útil à moral, e à vida,
Meneando o pincel, com que semeias
A crítica verdade, o sal, e o riso,
Não menos útil, sina, não menos grata
Que a majestosa irmã, desentranhando
Da funda escuridão dos tempos mortos
Exemplos, que do mal nos acautelem,
Ou modelos, que ao bem nos encaminhem:
Os terríveis affectos da grandeza,
Os crimes da ambição, de amor os crimes,
As artes da política impostora,
O baque dos impérios derrubados;
Os Régulos, Catões, Horácios, Codros,
Rivais dos numes, vítimas da pátria:
A inocência acolá gemendo em ferros,
Ali torcendo as leis protervo abuso;
Ora o justo por terra, ora exaltado,
Ora ovante a maldade, ora abatida;
Já com brutas paixões a humana espécie
Submersa no labéu, no horror, na infâmia,
Já virtude alteando a Natureza,
Em amplos corações ardendo a glória,
E, fértil de portentos, conseguindo
Que, envolta no heroísmo, agrade a morte.

Assombros de Melpómene sagrada,
Volteires, Crebillons, ministros dela,
Que a atenção subjugais, o gosto, a mente,
Vós culto mereceis, vós sois eternos,
Cos outros, que imortais vos precederam
De alta memória na fragosa estrada!

Mas tu, Plauto do Sena, exímio vate,

Tu, que dos corações sondando o abismo,
Com vista imperturbável em si mesmos
Estudaste os mortais: pintor insigne,
Que o prazer, e o proveito entrelaçando
No engenhoso matiz das ledas cores,
Quais são, quais foram debuxaste os homens,
Das meãs condições fizeste o quadro,
E ao quadro breve reduziste o mundo!
Tu, que, não pago da instruir coa pena;
Coas vozes sazonestes os frutos dela,
Tu és credor também da eternidade,
Aluno de Talia! – E por teu nome
Hoje espero impetrar da casta deusa
Favor, benevolência, abrigo, influxo;
Hoje que, deferindo às preces minhas,
Do sacro monte as veigas desampara,
Sai dentre o vário círculo brilhante
Das divinas irmãs, do irmão divino,
De Febo, que revolve, entende os Fados,
E no peito mortal se embebe às vezes.

Ó Musa, que mo atendes, que trocaste
Pelas margens do Tejo as do Permesse,
E no clima gentil que aromatizas,
Vês luzir florecente amenidade,
Vês tão risonho o céu, tão verde a terra,
Sentes de mil Favónio os suspiros,
A ciciosa turba, que vagueia,
Polindo os ares, namorando as flores,
Quais lá no cume excelso, estância tua:
Digna-te de influir-me activas forças,
Capazes de ombrear com meus desejos.
De ti pende o regram-me a voz, e o gesto
Para que nem transponha a Natureza
Nas asas de fervor desatentado,
Nem cobarde rasteje aquém da meta,
Roto o véu da ilusão. Meus olhos pintam,
Mostrem meus lábios a influência tua,
Agora que de esplêndido congresso
Magnânimo favor me especializa
Geral beneficência a mim dimana.

Honra os suores meus, ó divindade,
A glória de atrair mais digno prémio,
A glória de aprazar aos ilustrados
Nesta arte de sentir paixões alheias,
Quase transmigração a essência nova.

As súplicas mortais propícia anuis!
Feliz meu coração! Feliz meu rogo!

TALIA

Honrosa gratidão te inflama o peito,
Da pátria o doce amor te ferve na alma,
Sagrados candidíssimos objectos,
Que da Terra, e dos Céus merecem tanto!
Prometo de inspirar-te em honra sua;
Não temas fraquear, terás contigo
Nos lances, nas acções de mais momento
Não visíveis os manes instrutores
Daqueles que no Tamisa, no Sena
Ao claro nome seu padrões alçaram,
Ou revocando as generosas cinzas
De finados heróis, ou exprimindo
Em carácter menor paixões mais brandas;
Cingidos de tal arte à Natureza,
Que a mente, pelos séculos errante,
Ó Grécia! Ó Grécia! Teus milagres via,
E o mais em que se apraz a humanidade.
Exerce, actor ditoso, exerce as forças
Que à pátria, de que és filho, estás devendo;
Confia na assembleia espectadora,
Na sublime nação, que afaga as artes,
Que, à virtude, ao saber, a as Musas dada,
Também com mestra mão colheu meus louros.

Lá onde entrar não ousam tempo, e morte
Os Ferreiras, os Sás perenes brilham;
Eles no meu tesouro estão velando,
E o génio criador, que os fez eternos,
Mil vezes das estrelas deslizado,
Em lustrosos eflúvios se reparte
Por vós, ó lusos vales, que inda à Fama
Dareis com que afadigue as línguas cento,
E a plaga ocidental por vós espante
As outras, do renome alheio escassas.

ACTOR

Ó mais que fausto agouro! Ó pátria! Ó numes!
Ó deusa protectora! A teus influxos
Sagrarai por altissonos cantores
De etéreo resplendor c'roados hinos.

XV

Ao público, em nome de Leocádia Maria da Serra, no dia do seu benefício

(Recitado ao Teatro do Salitre, no ano do 1799)

Interlocutores: ACTOR, ACTRIZ

ACTOR

Por uma estrada só não se encaminha
O génio lidador, votado à Fama:
As diversas paixões têm fins diversos,
São diversos os graus, onde a virtude,
Onda a glória aos mortais coloca os nomes.

Por entra o fogo, o pá, e o sangue, e a morte
Raios da ferro, ou bronze arrosta aquele:
Arde, freme, esbraveja, arquejo, espuma,
Enquanto, do espectáculo aloirada,
Parece que reoua a Natureza.
Este em douta vigília, e reclinado
Da planta de Minerva à sombra amiga,
Estuda os corações, estuda os tempos,
Sonda costumes, caracteres sonda,
E, corrigindo os mais, a si corrige.
Estoutro, desdenhando a baixa Terra,
Nos êxtases febeus discorre os astros;
Travam seus olhos do futuro esquivo,
Da imensa eternidade arranca os Fados:
Mortal na condição, na voz é nume.
Renascem Rafaéis, Fídias renascem;
O mágico pincel prodígios verte,
E em milagrosas mãos a pedra vive.

Tu também, raro dom, tu, dom lustroso
De exprimir as paixões, de erguer à vida
Claros heróis, que no sepulcro dormem;
Tu, ante quem o avaro ímpetos sente
De ir desaferrolhar tesouro inútil,
Malfeitor coração detesta o crime,
O que em sangue esparziu compensa em pranto
E, ou receie o ludíbrio, ou orne a glória,
O mau se torna bom, e o bom perfeito:
Portentosa ilusão, que senhoreias,
Que encantas corações coa voz, e o gesto,
Tu na posteridade aos que te exercem,
Se és delas dignamente exercitada,
Classe (e classe não ínfima) granjeias.

Quanto ao sexo mimoso apura as graças
Esta arte, a mais irmã da Natureza!
Congresso espectador! Vós o sentistes
Quanto aquela, que é hoje objecto amável
Do público favor, pintou nos olhos,
Nos lábios, nas acções, nos ais, nos prantos
O terror, e a piedade, alma da cena,
O affecto conjugal, e a dor materna,
Envolta em longos véus da cor da morte!
Benignos corações, alucinados
De eloquente, patético aparência,
Julgastes ver surgir da morto idade
A esposa de Raul, e em mil suspiros
Mandar o pensamento à sombra amada.
Soaram vivas, lágrimas correram,
Do transporte geral não dúbia prova;
E a terna gratidão, sagrado affecto,
Vem tributar-vos sentimentos puros
Na doce voz da revivente Elisa.
Chaga, e vê que espectáculo pomposo.
De ilustras cidadãos vê que assembleia
Concorre a proteger-te ouve que aplauso
Generoso te exalta, e vai fundando
Em robusto alicerce a glória tua.
Os dois formosos dons – temor, e pejo, –
Realces de teu sexo, não suprimam
Da bela gratidão sensíveis mostras.
Solta a cândida voz da singeleza,
Que em silêncio to escuta um povo egrégio,
Um povo o mais feliz, o mais amável
De quantos sobre a máquina terrena
Prodígios imortais tem dado à Fama;
Um povo submetido a leis macias,
Que a mão de um semideus dos Céus traslada,
O povo de João, do herói, do amigo,
Do pai comum, do benfeitor da pátria,
Daquele em que a virtude é só grandeza;
Daquele, que de si por nós se esquece;
Daquele em cujos dias luminosos
Dentre os fuzis dos séculos dormentes
Rebentam de Saturno os áureos dias,
Enche um sacro dever, e a voz desprende.

ACTRIZ

Excelsa pátria minha, espectadores,
Que tanto, e tanto honrais coa voz, e os olhos
Meus tímidos ensaios sobre a cena;
Propício tribunal, em que é julgada

Débil mulher, que pávida caminha
Por espinhosa incógnita vereda,
Onde o génio talvez, onde o costume
Também se desacordam, se oxtavam;
Ou tudo vem do ensino, ou vem do exemplo:
Recentes para mim o exemplo, o ensino,
Fertilizar minha alma inda não podem,
Nem conferir-lho o tom, nem dar-lhe o gesto
Com que um ânimo em outro se converte.
Mas vejo reluzir brilhante agouro,
Que, afagado por vós, me aponta ao longe
Digna da pátria, num futuro honroso.
Da glória no horizonte os olhos fito,
E à pública eficaz beneficência
Meus dias consagrando anelo o tempo
Em que os esforços meus, os meus desvelos
C'roa mais a razão do que indulgência,
E eu clame, decantando alta vitória:
«Porque é glória da pátria, estimo a glória.»

XVI

Despedida de António José de Paula aos Portuenses

(Recitado no seu Teatro no ano do 1802)

Alta virtude, sentimento augusto,
Que, absorto no esplendor, na dignidade,
Ida grandeza, no som, distância, forma
Das estrelas, do Sol, do mar, da Terra,
Do quanto constitui o Natureza,
Ergues de céus em céus ao Rei doa entes
Nuvem de aromas, que perfuma os hinos,
Quando além do universo, além do espaço
Se embebe a voz mortal no seio eterno!
Divina Gratidão, que até rompeste
Por entre imenso horror, de Líbia os ermos,
Que deste nos leões exemplo aos homens,
Que do novo espectáculo assombraste
O vasto circo da orgulhosa Roma,
Tornando carniceira, horrível fera
Ante o seu benfeitor macia, e branda!
Divina Gratidão, tu és, tu foste,
O órgão de meu dever serás coa pátria.
Meus lábios com teus sons aromatiza,
Dá-me a tua energia, impulso, alteza
Converte-me em tí mesma, ou sê meu nume.
Egrégios, venturosos habitantes
Do opulento afamado, antigo empório,
Da, que aos pátrios anais, ampla cidade
Nos fastos deu matéria, e nome a Lísia,
Filhos de excelsa mão, da torreada,
Majestosa rival da alta Ulisseia,
Sensíveis atendei-me, ouvi benignos
Verdade, e gratidão, que soam da alma.

Nos campos desiguais onde Talia,
E a carrancuda irmã, com riso, e pranto
Melhoram corações, o vício punem.
Ousei com rosto imberbe, a planta incerta
Dos Barons, dos Le Kains seguir a estrada,
De fragoso terreno, e fim remoto.
No estudo, no suor, no ardor, no gosto
Meus dias envolvi, sonhei dourá-los
De um brilhante futuro: honrar, e honrar-me.
Tentou ave rasteira os voos de águia,
Já no clima natal, já noutros climas;
Cem vozes adejei, tremi cem vezes
Ante os cumes da Glória, a mim vedados:

Queria o coração, não pôde o génio.

Coa mente recuando ao grão princípio
Do mérito, que luz na cena heróica,
Do mérito, que luz na média cena,
Vi que, émulos, iguais, o actor, e o vate
Deviam florecer nas artes suas;
Que ao génio imitador, na voz, no gosto,
Nos ais, no pranto, no terror cumpria
Reforçar a ilusão, que em ígneo metro
De assombrosas paixões presente o quadro,
Ou mostra em tom meão comuns affectos.

Eis aos olhos mentais me ofrece Atenas
A terrível tragédia, alçando o braço,
No semblante o furor, na alma o remorso,
Entre lutos, punhais, traições, venenos.
Além vejo Menandro, ali Terêncio,
Plauto ali, motejando humanos vícios,
Correndo a grandes fins por ténues meios;
Olho os mestres da Cena, os órgãos dela,
Que fazem do ilusão brotar proveitos,
Quais nunca, ou mui de espaço os dá verdade.

Venerando espectáculo da ideia,
Graves objectos que aterraes audácias,
Serenos, todavia, ousos arrostar-vos.
A pátria me protege, influi, excita,
A meu tremente adejo alenta os voos,
Acolhe-me o fervor, me avulta o nada.

Ilustres cidadãos, congresso amável,
À sombra da Ulisseia, à sombra vossa,
Meus fados abriguei, meu ser, meu nome.
Carácter grande, espírito sublime
Honra as margens ao Tejo, ao Douro as margens;
Aqui confere o génio, e lá confere
Beneficência, amor, esteio às artes.

Nadando o coração num mar de affectos,
Ao mais sentimental que sai dentre eles,
A magoada saudada as vozes pede,
Que do violenta ausência o custo exprimam...
Mas porque exerço a voz, se da amargura
A supremo eloquência está nos olhos?
Vai zelada em mau peito a vossa ideia,
Zelada contra os Tempos, contra os Fados:
Da minha gratidão perene, intensa
Serão mais um triunfo a Morte, e o Lotes.

E tu, que, atento às leis, à pátria, à glória,
Da Astreia imparcial cultor, e aluno,
O público repouso estás velando;
Tu, alto pelos tetos, por li mais alto,
Que afagas, que manténs, que fertilizas
Magnânimo, ilustrado, as artes belas:
Prospera, em honra tua, em honra delas.
Dure, brilhe teu nome enquanto o Douro
Lavar nas fartas ondas turbulentas
Mais guerra que tributo ao rei dos mares.

XVII

Ao público, em nome de um actor no dia do seu beneficio

(Recitado no Teatro da Rua dos Condes, no ano de 1803)

Requintado artificio além da meta
Tentava da ilusão levar o império.
Graças mimosas, feminis encantos,
Espinhosos desdêns, macio afago
Prisão tão doca aos corações. o riso,
E o pranto, aos corações prisão mais doce:
Afectos, que dulcíssonos se exalam
Na voz, órgão de amor, femínea, branda
Há pouco, em som viril falsificados,
Um agro não sei quê deixavam na alma;
Da tornas sensações (já dor, já gosto)
Vazio o peito, suspirava encher-se;
O pensamento, o coração pediam
Misto aprazível da verdade, a engano

A sábia Natureza, a mão das artes
Eis volvo à cena lusa, e já com ela
Florece a formosura, atraí, sacia
Olhos sedentos, sôfregos ouvidos.
Zenóbia, Elisa, Cleofide acordam
De eterna escuridão, de férreo sono.
Dos séculos o peso elas sacodem,
E em níveas faces, em purpúreos lábios,
No talhe majestoso em alma, em tudo,
Vem reinar sobre a cena, e são quais foram:
O atento espectador palmeia, exulta,
E a fonte das paixões borbulha, e corre
Por flóreo, natural, gentil caminho.

Eu, ó de alta Ulisseia illustre povo,
Eu de ténues paixões frouxo arremedo,
Em hábito falaz exercitando
Os quadros destingi morais, e amenos,
Onde alegre ilusão com risos mente,
Meu passo, minha voz, vontade, affectos
A Natureza enfim se restituem:
Qual me quis, qual me quer, qual sou, pratico
O que arte escassa, e que mesquinhas luzes
A mente escura, indócil me doaram.

Espectadores meus, que honrais meu dia,
Risonha complacência os erros doure
Do inerte, humilde actor, que a pátria implora,

Sede o que fostes, e talvez, surgindo
Dentre os nomes comuns, será meu nome,
Ó claros cidadãos, prodígio vosso.

XVIII

Ao público, em nome de um actor no dia do seu beneficio

(Recitado no Teatro de)

Musa de altas paixões não vem na cena
Aos olhos franquear sanguíneo quadro;
Hoje as fúrias de Amor punhais não vibram,
Nem verte surda morta em peito incauto
Coa dextra da traição letais venenos:
Não tendes que temer, almas sensíveis,
Agra impressão de lúgubres affectos:
Não, não vereis o parricídio negro,
Com serpes na melena, a serpes na alma,
Todo o Inferno embeber no insano Orestes;
Não, não vereis frenético ciúme
No silêncio, nas trevas ululando,
Nívea beleza em flor murchar sem mágoa,
Encantos divinais sumir ao mundo,
Gosto mimoso, de inocência ornado,
Olhos, e lábios, que chorando, e rindo
Doce tumulto nos sentidos movem;
Trança de anéis subtis, brincando em ondas,
Colo de amores, hálito de rosas
Zaira não soltará nas mãos do amante
Entra os ais de ternura os ais da morte:
Não há-de enternecer-se, arrepiar-se
A mente, e o coração na dor de Elaire,
Na sanha de Orosman, de Atreu na taça.

Surge à cena espectáculo atractivo,
Em que Amor com Virtude, em nó suave,
Os costumes abrande, ameigue a vida.
Notarás outra vez, congresso ilustre,
Congresso benfeitor, por quem mil vezes
Agros destinos meus se tornam doces,
Outra vez notarás o puro exemplo
Dos muitos, que exercitas, dons sublimes;
Verás, desagravando a Natureza,
Factícia condição não dar virtudes,
O carácter moral não vir da sorte,
E o génio dos heróis luzir nos servos:
Enquanto pavoneia inflado orgulho,
Cevando de ilusões a ideia estéril,
Todo ufano de si, talvez de nada,
E os olhos de través lançando apenas
Aos que em somenos grau quis pôr Ventura;
Porque néscio confunde os graus, e as almas.

Generosa nação, que não confundes
O que deu Natureza, e deram Fados:
Ó pátria, que hoje em mim teus dons semeias
Acolhe, escuta com silêncio honroso
Os esforços de actor submisso, e grato,
A quem renovam descaído alento
Louvor, e amparo, de prodígios fonte!
O préstimo é dever sagrar-se à pátria,
O que valho, o que sou jurei sagrar-lhe:
(Se pouco valho, e sou, dar mais não posso).
Do público favor medrando à sombra
O pio sentimento em mim se arreiga:
No mérito não logro o jus da glória,
Porém meu coração de vós é digno:
Imutável convosco, eterna, imensa,
A minha gratidão será meu fado.

X

Ao público, em nome de uma actriz que representava o papel de Ercia na tragédia "A Vestal"

Das vítimas de Amor carpiste os fados,
Sensível assembleia, egrégio povo:
A Musa do terror, do pranto a Musa!
Mesclando afectos dois, que a cena regem,
A fonte às sensações abriu nas almas.
Por artes de ilusão revivem tempos,
Dos abismos da morte heróis assomam.
E inda a ser existência aspira o nada.
Aos vates, a mortais, mas quase numes,
Dos numes o maior de si deu parte;
Deu-lhes, que sobrepondo o génio aos fados,
Nos séculos por ser, e nos que foram,
Fizessem ressurgir, nascer fizessem
Entes de alto carácter, de alto nome,
Ou índoles fatais à Natureza,
Ou ternas condições, escravas dela:
Tais vistas, foram tais – Ercia – Afrânio; –
O fero Amor, ou déspota do mundo,
Que os homens agrilhoa, impõe aos deuses,
O cruel, que entre víboras, e flores
Néctar, néctar promete, e dá veneno
Aos tristes corações, que mais o adoram:
Ele, o comum tirano, aos dois amantes
Lamentados por vós, em vez de glórias!
Deu ânsias! deu cipreste em vez de mirto:
Tenra beleza em flor! virgínea rosa
Dele por ímpia lei caiu sem vida,
E o mísero amador, que a vê lutando
Coas angústias mortais, no peito embebe
O ferro! coro que Amor fadou seu termo:
Ferro, que inda goteja o sangue amado,
E em púrpura trocou do seio a neve.
Assaz haveis honrado, assaz carpido
Os sem-ventura, e cândidos amores,
Os suspiros sem mancha, o caso acerbo,
A heróica intrepidez! verdugo de ambos.

Descei vossa atenção, descei risonhos
Para objecto menor: sou eu, não ela,
Não Ercia, que fala: o choro, as mágoas
Convertera-se em prazer na face, e na alma:
Nem tormentos de Amor, nem fraudes suas
Meus lábios, olhos meus agora exprimem;
Mas glória, gratidão! que fervem, soam

Da protegida actriz na voz, no peito:
Ao mérito vulgar, que roja, e treme,
Asas dais, com que imite adejos de águia,
E além da própria esfera afoute os voos:
Eu nada sou por mim, por vós sou tudo:
Mais que humano poder, poder sagrado
Por vós meu ser, meu grau, meu fado alteia.
Lísia, mimo do Céu, da Terra esmalte,
No seio amigo me acolheu piedosa:
Serenos dias meus são dons de Lísia,
E até que os deixe o Sol, que os turve a morte,
Até que os desampare a luz da vida,
Os vossos mesmos dons vos sagro, ó Lusos!

XX

Ao público, em nome da actriz Claudina Rosa Botelho

(Recitado no dia do seu benefício, no ano de 1805)

ACTRIZ – Claudina Rosa Botelho

ACTOR – Vítor Porfírio de Borja

ACTOR

Os campos da Virtude estão desertos;
Não vê, não descortina o pensamento
De Líbia os areais tão sós, tão tristes!
Ao menos os leões ali campeiam,
Honram coa majestade a Natureza,
E na coma lhe ondeia o régio brio;
Ao menos ante os sóis, que lá flamejam,
De raio assolador! de raio infesto
Ostenta escamas de ouro a serpe enorme,
Multiplica os anéis, é mil, e é uma:
Isto mesmo, este horror, esta fereza
No quadro do Universo é formosura.
Oh campos da Virtude, estéreis campos,
Dos serenos mortais delícia outrora!
Mudou-se o gosto seu, de vós se temem;
Tal do Cáucaso bruto, ou bruto Atlante
(Invasores do céu, crespos de rochas)
Recua o passageiro! e pasma, e foge!

«Volveste ao lar de Jove em rósea nuvem,
Tu, mestra das acções dos bens origem
Da alma, do coração lei viva, e santa:
Este globo, ó Moral, desamparaste!
Com asas de relâmpago seguindo
Teu fulgurante adejo, a prole tua
Dos astros muito além pousou contigo.»
O azedo misantropo assim vozeia,
E ceva o negro humor, o humor bravio
Nas cenas imorais, que a terra of'rece.

Enrugado censor, não mais carregues
O pesado sobrolho! Em honra à pátria
Dos sábios, dos heróis, perdoa ao mundo:
Dos sábios, dos heróis a pátria é Lísia;
Não fugiu para Jove o coro amável,
Acolheu-se de Lísia ao seio intacto:
Flores ali desparze, ali perfumes,
Que o hálito de um deus de si vaporam.

Alveja o divinal, o etéreo enxame;
Filtrado néctar seu, qual doce orvalho,
Cai sobre as almas, e a Moral floresce.

Não olhe a mente ao longe alto heroísmo
No luso, márcio peito, a quem regalo
Férreo costume de lidar coa morte;
Não veja torrear no pego imenso
O imenso Adamastor, procelas todo,
Que zela carrancudo as virgens ondas;
Mas depõe, mas submete aos fados nossos
A fúria giganteia, acesa em raios:
De assombres imortais! de acções que vivem
Na ideia, o coração não se honra agora.

Guerreiras, e pacíficas virtudes
(Misto com que os mortais se tornam deuses)
São de Lísia o carácter portentoso:
Deu leis coa mansidão, coa força espantos,
E a mansidão gentil vê como exerce
Contigo, hoje entre tantas distinguida
Do público favor, do pátrio affecto;
Olha a Beneficência, o dom formoso
Dos Céus tão filho, e nos mortais tão raro
Como te anima, te prospera, e c'roa;
Ah! Cumpre que ao dever ternura unindo,
Mimosa gratidão te adorne os lábios;
Fala: soe o dever, soe a ternura.

Tropel de sensações, moral tumulto,
Ó pátria, ó doce pátria, me assalteia!
De affectos na torrente alma soçobra,
E só dá frase nua à boca inerte.

Dizer que és mãe de heróis, que és mãe de justos,
Que o génio enlouras, que o saber laureias;
Que ao mérito comum, tremente e frouxo,
O susto despes, a energia infundes;
Que outra por teu favor me creio, ou sinto!
E que aspiro com ele a dar-me à glória;
Que à vasta, majestosa, olímpia estância
Onde entre os Fados a Memória é nume,
E onde os selos impõe da eternidade
A títulos humanos, já divinos,
Do grão livro imortal nas folhas de ouro;
Que lá, coa intrepidez do entusiasmo
Por milagre da pátria eu sonho erguer-me:
Isto já se escutou de gratas vozes,
Isto a meu coração talvez não basta.

Exaure a fantasia os seus tesouros,
E aquém do teu louvor desejos ficam.

Dotes brilhantes, sociais virtudes,
Aos ternos filhos seus de Lísia emanam,
Com prática sublime, áureo costume:
Sou terna filha sua, e da piedosa,
Da benéfica mãe, que a prole amima,
Dotes, virtudes em silêncio adoro.

ACTOR

Cumpriu-se alto dever, e a pátria anui
Ao nobre afecto com sorriso ameno.

ACTRIZ

Se aos sentimentos meus anui a pátria,
Outra glória, outro fado aos Céus não rogo.

ACTOR

Fervam-nos sempre na alma iguais extremos.

AMBOS

O que a Lísia se deve a Lísia dêmos.

XXI

Ao público, em nome de uma actriz do teatro da Rua dos Condes

(Ano de 1805)

A Musa, que nas cenas de Ulisseia,
Não sem glória ajustava o metro à lira,
De Elmano o só tesouro (a sócia mesta
Da, quase muda cinza, aérea sombra)
Inda um salve trememente à luz envia,
E dá versos à pátria, ou dá suspiros,
Da nobre Gratidão pelo órgão puro.
Ó Lísia! Escuta os sons, talvez extremos
Que do seio afanoso, a custo, exala:
(O cisne diviniza os sons na morte)
Ouve, em metro não baixo, ouve alto affecto,
Que me honra o coração, na voz me ferve,
E no pátrio favor a ardência nutre.

Recente arvorezinha em chão bravio,
De humor celeste definhando à míngua
(E mimosa jamais de um sol fagueiro),
Eu para a terra, para e mãe pendia,
Que os sucos mesquinhava ao tenro arbusto,
Talvez de produzi-lo arrendida.
Eis braço, a que apiedou meu ser já murcho,
Me extrai!, propício do terreno avaro,
E em liberal torrão me põe, me arreiga.
Súbito esperta, súbito enverdece
A planta moribunda, e qual se, ó Letes,
Aferrasse a raiz nas margens tuas,
Que das Fúrias o bafo esteriliza
Influxo animador me alteia, e folha;
Hálito ameno de vivaz Favónio
Cem macios vaivéns me embala os ramos,
Flores me adornam, frutos me ataviam:
Os sorrisos da pátria os mimes dela
Estas boninas são, são estes frutos.
Das trevas, e da morte as aves feias
(De atra voz, em que o Fado às vezes soa),
Fogem de em torno a mim. carpindo agouros,
Nas agras, negras furnas vão sumir-se:
E na coma louçã gorjeia encantos
Teu cantor, Primavera, o vosso, Amores.

Quanto seu, quanto valho, a Lísia devo,
E a Lísia o coração na voz consagro.
Acolhe com ternura acolhe, ó pátria,

As ofrendas por mim do triste vate,
Que para te cantar surgiu da morte,
E em ânsias balbucia o tom dos numes:
Honra deste ao cantor, dá honra ao canto.

Para servir de «prólogo» à comédia o "Extremoso"

(Representada no Teatro da Rua dos Condes, no ano de 1800)

Extremos frenesis, queixumes, prantos
 Da funesta paixão, desejo insano,
 Que envolto no prazer salteia o peito:
 Veneno abrasador, que os olhos bebem,
 Que, disfarçado em néctar, se insinua
 No iluso coração, na mente absorta;
 Sentimento opressor da Natureza,
 Da vã filosofia em vão repulso;
 Inata comoção contraditória,
 Fonte de crimes, de virtudes fonte
 O poder milagroso, inevitável
 De um sorriso, de um ai: divino encanto,
 Cunho celeste, na beleza impresso;
 Delícias, aflição, fraqueza, e força,
 Dentre um mesmo princípio derivadas;
 Raiosas sensações, não menos fúrias
 Do que essas, que no Averno estão rugindo;
 Chamas de tanto ardor como as que zunem
 No tartáreo vulcão, de lava eterna;
 O rei dos Males, o rival da Morte,
 O Ciúme, o teu raio, Amor tirano,
 Teu raio, que a Razão derruba, estraga,
 Que inda (ó pasmo! ó terror!) depois de extinto
 Deixa longo trovão soando na alma:
 Eis o quadro moral, de tristes cores,
 Mas quadro proveitoso, interessante,
 Que ao luso espectador se expõe na cena.

Benignos cidadãos, sensíveis entes,
 Que das ternas paixões sabeis o custo,
 A doce tirania encantadora
 Com que uns olhos gentis dominam tudo;
 Extremosa nação, tu, que idolatras
 Ténue cópia do Céu na formosura;
 Que elevas quase além da Natureza
 Os dois afectos em que os mais se absorvem:
 Que tens no coração, que tens na ideia
 Presos em laço de ouro Amor, e a Glória;
 Que, sentindo o que o mundo apenas sente,
 Choras no dano alheio o próprio dano,
 Nas fraquezas de um só vês as de todos,
 Reconheces que amor é quase um fado,
 Um fado universal, que arrasta, e força

À loucura, à desgraça, ao precipício;
Que é despótico Amor, e o mundo escravo;
Que este império fatal não tem rebeldes,
Que a soberba Razão sucumbe ao jugo.
E às vezes (ó cegueira!) o jugo adora:
Extremosa nação! No grande objecto
Emprega mudamente os olhos da alma;
É tão digne de ti, quão variado
De radioso matiz: verás que esmalte,
Que preço, que atracção, que luz confere
À beleza ext'rior moral beleza;
Por entre desatinos da vontade,
Tumultos da paixão, sem lei, sem freio,
Por entre confusões, por entre sombras,
Que do cego amador o acordo enlutam,
Verás como floresce, ileso, intacta,
A suave inocência, inda mais bela
Se em lide porfiosa obteve a palma.

Virtude os meios ama, odeia extremos,
Extremos são no mundo eu erro, ou culpa:
Do mesmo que abrilhanta a humanidade
Longe, longe, ó mortais, o injusto excesso!
Dramáticas acções tem só por alvo
O proveito comum: sarar costumes
Quando enfermos estão; com riso, ou choro,
Com brandura, ou terror, fazer que brilhe,
Que triunfe a moral: daqui se colhe
Lição profícua, prestadio exemplo.
A escola da verdade está na cena,
E tão pasmoso efeito às vezes brota,
Que a virtude se aprende até no vício.

XXIII

Para servir de «prólogo» ao drama "Nuno Álvares Pereira"

(Representado no Teatro da Rua dos Condes, no ano de 1801)

Varão digno de Lísia, ou Roma, ou Grécia
(Quando Grécia existiu, quando houve Roma);
Alta planta de reis, até dos mesmos
Que, só mortais na essência, o Tejo adora;
Pereira, nos seus, e a si pavês tremendo,
A dragos, a leões Alcides novo,
Vivo ria tradição, na história vivo;
Aquele, a cujo ferro, a cujo raio
Da intriga, da traição caíram monstros,
E rotas no alicerce, e derrocadas,
As torres da ambição, do orgulho as torres;
Aquele que, insofrido a jugo estranho,
Foi base onde João manteve o sólio,
Que aposta durações coa eternidade:
Nuno, o maior talvez dos lusos Martes,
Que à pública razão, que ao bem da pátria
Deu sangue, deu suor, deu pensamentos;
Que, surdo à Natureza, em glória absorto,
No peito aniquilou privado affecto
E, de louros sombria a fronte excelsa
Fatigadas por ele as tubas cento,
Em sagrado retiro ergueu da terra
(Cá dentro os reis de pouco ao Rei de tudo)
A mente, digna só de imensa Ideia;
Ilusões expulsou, despiu fantasmas,
Achou verdade o homem, sonho o grande:
Eis e que hoje na cena, honrando-a, surge
Aos Lusos esplendor, saudade, exemplo;
Semente, que expeliu milhões de assombros
Na idade em que medrou, nas que a seguiram.

Mas não somente, ó pátria, o claro objecto
Te domine a atenção, te chame os olhos:
Se abala os corações carácter grande,
Infausta condição quem não comove?

A Musa em que aparece o grão Pereira,
Negramente fadada, urdiu nas sombras
Difícil teia, que palpava incerta;
De miserando autor nos olhos tristes
Eterna escuridão pousou mais cedo.
Nos abismos da morte, à luz sumida,
Fervendo em santo amor, que as leis arreigam,

Colhe entre espinhos de árida existência
Frutos de glória com que brinde a pátria,
Propício nome, que lhe ameigue os fados.

Que direito ao louvor! Que jus ao pranto!
Chora seu fado, ó Lídia, honra seu nome.

XXIV

FRAGMENTO

Para se recitar no teatro, por ocasião de regozijo público

(Ano de 1805)

.....
Na vasta perspectiva encantadora
Se embebe e coração, se embebe a mente:
Ó Pai da Natureza, eterno, imenso,
Este império protege, onde a virtude
Erguida sobre o trono à sombra Tua
O templo social reforça, esteia,
Manda que a paz celeste, e seus encantos
Em luminoso grupo abrindo as auras,
Baixem de Lísia novamente ao seio.
Ferva nos corações, nos olhos ferva
A ternura, esse bem por Ti criado,
Para se consolar, e ornar-se o mundo:
Maravilhas de um Deus um Deus amime:
É do Teu doce amor João tesouro,
Não ouse negro véu nublar-lhe os dias;
Qual é seu coração seus dias sejam
Lustrosos, firmes, transparentes, puros:
Eterniza das leis o ardor sagrado
Delas escudo, consistência delas,
E o Sol, reflexo Teu, jamais aviste
Da tumba ocidental ao berço Eoo
Virtude que a João no trono iguale.
Grandeza, que deslumbre a pátria minha
Ah! Que em chusma, em tropel me estão surgindo
Sentimentos fiéis, delícias da alma;
Eia, socorre a voz tremente, incerta,
E em hinos soe o cordial transporte.

(Cantam.)

XXV

Fragmento de um prólogo para se recitar no teatro

(Ano de 1805)

Hoje surge ante vós, congresso ilustre,
A Musa, que fatal, que desgrenhada,
Rege cenas de horror, cenas de sangue:
Que nas cruentas mãos, nos olhos feros
Traz desesperação, punhais, venenos;
Que as eras tenebrosas invadindo,
Entrando por montões de idades mortas,
Coa vigorosa mão revolve as cinzas,
Tiranos arrebatá, heróis arranca
Ao silêncio do nada, ao sono eterno.
Colhe dentre os anais do antigo mundo
Feias paixões, catástrofes medonhas,
Virtudes, vícios, a inocência, o crime;
Colhe os males de então, e os males de hoje,
Esses, que a Natureza envenenaram
Esses, que a Natureza inda envenenam.
Devorante Ambição tragando impérios
A Discórdia brutal desfeita em raios,
Rubras ondas fervendo em torno dela;
Política feres as leis calcando,
Negra Perfídia vaporando infernos;
Da razão, da vontade Amor dispondo,
Nuns olhos, num desdém, num ai, num riso!

.....

XXVI

Oferecido ao juiz e mais festeiros de Nossa Senhora da Graça da Carnota

Doce filha de Céu, doce harmonia!
Ao seio dos mortais às vezes desces,
E qual rútilas na mansão dos numes,
Sobre a terrena estância resplandeces:

Princípio da união, que liga os entes,
E que num só país e mundo troca,
Honra meus lábios de Teus sons divinos,
Anima o vate, cuja voz Te invoca.

Celeste comoção, virtude augusta,
Sagrado zelo, singular piedade
Conduz almas fiéis a que celebrem
Solene culto à suma divindade.

Dos gratos corações escandecidos
Nos êxtases subindo os hinos soam,
E os incensos, que o Céu paga em sorrisos,
Purificando a Terra, aos astros voam.

Prole da imensa luz, porções do Eterno,
As harpas de ouro modulando afinam,
E os olhos, onde o nume reverbera,
Sobre a terrestre pia turba inclinam.

És da etérea atenção primário objecto
Tu, que presides ao fervor sagrado,
Tu, magnânimo Silva, em cujo peito
O carácter da glória está gravado:

E tu, de malfadados meigo asilo,
Tu, moral cópia dele, amável Serva,
A quem na eternidade um grau sublime
Entre os amigos de homem se reserva;

E vós, iguais na fé, no ardor, no extremo
Aos dois egrégios peitos, que decanto,
Vianas, e os demais, em quem se apura
De homens, e numes o comércio santo;

Não menos vós, metades carinhosas
Dos ânimos gentis, que entrego à lira,
Não menos mereceis, esposas belas,
As honrosas canções, que Febo inspira.

Exercitei, cumpri, cristãos ferventes,
A fé, que os corações vos afogueia;
Tereis o galardão sobre as estrelas;
O que a Terra edifica, o Céu premeia.

Obra digitalizada e revista por José Barbosa Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
